

Pequena Obra da Divina Providência

P. Tarcisio Vieira fdp

Director Geral



Querido(a),

Vimos de muitas partes do mundo orionino, de diversos países e realidades, trazendo conosco histórias, experiências, sensibilidades e diferentes maneiras de viver a missão. Distâncias geográficas, culturais e linguísticas nos separam, mas algo muito mais profundo nos une: pertencer à mesma Família Carismática e a paixão pela caridade que Dom Orione nos transmitiu.

É maravilhoso estarmos juntos novamente! A cada um de vocês, estendo saudações fraternas e um caloroso acolhimento, também em nome do Conselho Geral. Estamos aqui para redescobrir e aprofundar a própria razão de nossa existência e nossa missão.

Nosso Pai São Luís Orione nos deixou palavras que podem iluminar o trabalho desta Conferência: “*A Pequena Obra da Divina Providência também poderia ser chamada de Congregação da Caridade*”¹.

Esta é uma afirmação muito forte. Dom Orione não apresenta a caridade simplesmente como uma das atividades da Congregação, nem mesmo como a mais importante. A caridade é a nossa razão de ser, a nossa marca distintiva e a nossa missão. Não é algo que fazemos em paralelo com outras coisas: é aquilo para o que somos chamados.

A propósito, gostaria de compartilhar com vocês um episódio pessoal que me veio à mente enquanto lia as palavras de Dom Orione para preparar esta saudação.

Há algum tempo, durante uma visita ao Generalato das Missionárias da Caridade, as Irmãs de Madre Teresa de Calcutá, na Índia, tive a oportunidade de conhecer sua Superiora Geral. Fiz-lhe uma pergunta que me era particularmente cara: “*Madre, por que escolheu nossa Congregação para assumir uma obra de caridade que estava deixando em Camarões?*”

Sua resposta foi imediata, simples e surpreendente: “*Porque vocês são uma Congregação de caridade, como nós*”.

Confesso que essas palavras me tocaram profundamente. A Superiora Geral das Irmãs de Madre Teresa repetia quase que literalmente o que Dom Orione havia dito sobre a Pequena Obra. Aquilo que o Fundador descreveu como nossa identidade também foi reconhecido externamente, por uma Congregação que fez do serviço aos mais pobres o cerne de sua missão.

É um reconhecimento maravilhoso, mas também uma responsabilidade. Não basta simplesmente mencionar nossa história ou o trabalho que realizamos. Essa identidade precisa continuar se expressando em nossas vidas e escolhas cotidianas.

Para melhor compreender o significado desta vocação, gostaria de recordar outro texto de Dom Orione: o artigo “*Catecismo e Caridade!*”, que ele quis publicar no boletim da Pequena Obra em três momentos diferentes da sua vida: em 1898, quando tinha apenas 26 anos; em 1907, aos 35 anos; e finalmente em 1933, quando tinha 61 anos².

¹ Parola IX, 327 (agosto de 1938).

² 1898: Boletim “A Obra da Divina Providência”, Ano 1, nº 4; 1907: Boletim “A Obra da Divina Providência”, Ano 5, nº

Este é um detalhe significativo. Depois de tantos anos, Dom Orione sentiu a necessidade de repetir essas mesmas palavras e recomendar: “ *Revesti-vos da caridade de Jesus Cristo!* “ Evidentemente, ele reconheceu nelas algo essencial, algo que não havia perdido sua força com o passar do tempo: a maneira como sua Obra nasceu e, sobretudo, a maneira como ele entendia o apostolado e a caridade.

O artigo começa com uma recordação das origens. Escrevendo em 1898, Dom Orione relata que tudo começou sete anos antes, com “ *um pequeno catecismo* ” dado a um menino que havia fugido da igreja em lágrimas.

Vamos nos deter um momento neste detalhe. Na origem da Pequena Obra, não encontramos um grande projeto educacional, uma organização ou um programa de atividades assistenciais. Encontramos um menino chorando e um jovem clérigo que o nota.

É um começo que lembra a parábola do Bom Samaritano. A caridade nasce quando alguém para, se deixa tocar pelo sofrimento alheio e decide fazer algo. Como escreveu o Papa Bento XVI na encíclica *Deus Caritas Est* , o programa do cristão é ter “ *um coração que vê* ”: um coração capaz de reconhecer onde o amor é necessário e agir de acordo.

Parece-me que esta é uma das percepções mais profundas da caridade orionina. Antes das obras vem o encontro; antes das estruturas vem a pessoa; antes da organização vem um coração que sabe ver.

Esta conferência pode nos ajudar a redescobrir aquela perspectiva original (“ *No princípio* “). Hoje temos muitas obras, frequentemente complexas e bem organizadas. Mas conservamos a capacidade de perceber aqueles que choram? Ainda sabemos como nos deixar desafiar por uma pobreza que não se encaixa em nossos planos? *Ubi amor ibi oculus!* (Onde há amor, há a capacidade de ver!).

Dom Orione, porém, não se limitou a ver o sofrimento e se comover. Ele soube envolver os outros, inspirar generosidade, mobilizar pessoas e recursos. E é aqui que ele nos oferece outra imagem, simples e extraordinariamente oportuna: a da Congregação como a corda de um poço, com um balde que tira água abundante dos corações das pessoas boas para levá-la aonde não há pão, lar, calor humano ou consolo ³.

É uma imagem que nos ensina duas lições.

A primeira é que a caridade não vem de dentro. Sua fonte é o amor de Cristo, que desperta a generosidade e o desejo de fazer o bem no coração das pessoas. A Congregação não é dona dessa água: ela é chamada a extraí-la e levá-la aonde for mais necessária.

Em segundo lugar, não basta tirar água: precisamos levá-la aonde há sede. Possuir obras, instalações e recursos não basta. Nosso serviço deve alcançar concretamente as pessoas, especialmente aquelas em risco de serem deixadas à margem, sem cuidado, dignidade e esperança.

Esta imagem nos desafia: será que nossos trabalhos continuam sendo instrumentos pelos quais a caridade de Cristo alcança os pobres? Somos capazes de reconhecer novas formas de sofrimento e envolver outros na resposta a ele? O coração de Dom Orione ainda é reconhecível em nossas comunidades e atividades?

Há uma última expressão que vale a pena lembrar. Dom Orione define a caridade como “ *a vocação inalienável* ” dos Filhos da Divina Providência ⁴. *Inalienável* significa que não podemos renunciar a

4; 1933: Boletim “A Pequena Obra da Divina Providência”, Ano 28, nº 9.

3 Cf. *Word IX*, 327.

4 “A caridade é a vocação inalienável e, poderíamos dizer, fatal dos Filhos da Divina Providência.” Em: *Parola IX*, 327.

ela sem renunciar a algo essencial a nós mesmos. Podemos mudar as formas de nossas obras, revisar estruturas, repensar o estilo, encontrar novas fronteiras para atender às necessidades dos tempos, mas não podemos perder a caridade, porque perderíamos nossa própria identidade.

Por isso, gostaria que esta Conferência fosse não apenas uma oportunidade para discutir a caridade de Dom Orione, mas sobretudo uma oportunidade para nos deixarmos desafiar por ela e compreender como vivê-la hoje com maior autenticidade, criatividade e fidelidade ao Evangelho. Isso requer humildade, escuta mútua e disposição para aprender uns com os outros. O carisma não pertence a nenhum de nós em particular: é um dom confiado a todos, para ser guardado e nutrido juntos, de maneira sinodal. Não estamos aqui para nos afirmarmos, mas para sermos guiados por essa caridade de Cristo que Dom Orione colocou no centro de tudo.

Tudo, segundo ele, brota de uma força interior: “ *Caritas Christi urget nos* “, a caridade de Cristo nos impulsiona. É esse amor que deve continuar a mover nossa Congregação, para que nossas obras não se tornem meramente instituições funcionais, mas permaneçam sinais vivos da ternura e da providência de Deus.

Um coração que vê e uma mão que se põe a trabalhar: talvez seja assim que possamos resumir a caridade de Dom Orionino. Um coração capaz de reconhecer o sofrimento e mãos prontas para buscar respostas concretas, envolvendo também a generosidade de muitos outros.

Por fim, gostaria de retomar as palavras da Superiora Geral das Missionárias da Caridade: “ *Vocês são uma Congregação de caridade, como nós*”.

Seria maravilhoso se esse reconhecimento não se limitasse a quem somos, mas continuasse a expressar quem somos e, acima de tudo, o que queremos nos tornar!

Espero que possamos sair deste encontro não apenas com uma maior compreensão da caridade de Dom Orione, mas também com um maior desejo de vivê-la. Porque a caridade orionina não é apenas um belo legado a ser preservado: é uma vocação a ser renovada e uma missão a ser levada adiante.

Feliz Conferência a todos!

P. Tarcisio Vieira